

IDEAS DA
SAUDADE.
IMAGENS DO
SENTIMENTO,
FORMADAS

Na lamentavel morte da Senhora

D. MARIA SOFIA
ISABEL N. SENHORA,

Rainha de Portugal,

P O R

MANOEL PACHECO DE VALLADARES,
Bacharel pela Universidade de Coimbra em
os sagrados Canones.



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDÉS,
Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1699.

IDEAS DA
SAUDADE
IMAGENS DO
SENTIMENTO

FORMADAS

Na lamentavel morte da Senhora

D. MARIA SOFIA
ISABEL N. SENHORA

Rainha de Portugal

POR

MANOEL PACHECO DE VALLADARES,
Bacharel pela Universidade de Coimbra - em
os sagrados Canones.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESANDRES,

Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1809.



PROLOGO.

LEitor amigo, ou inimigo, logo que nos coraçõens soou o golpe, com que a Parca quiz lastimar aos mãis amantes peitos, na morte da mais amada Rainha, que teve o sceptro da Lusitana Monarchia; me pedio o affecto, acreditasse com razõens ao meu sentimento; assim o puz por obra, com tenção de as promulgar na estampa, porẽm a experiencia do que via, & ouvia me dissuadio tanto, que amortalhei no esquecimento, o que intentava fazer vivo na lembrança: mas como vi aos sabios mudar de conselho, mudei de parecer, & me resolvi (inda que tarde) a sacrificarme ao teu juizo: se o tiveres bom, saberàs perdoar a huma vontade recosa; se máo, primeiro tens que reprehender em ti, que emendar em mim.

vale.



G L O S A

Ao Soneto 30. do profundissimo Poeta Luis de Caẽ
moens, que anda na terceira Centuria das Rimas, que
lhe illũstrou seu Cõmentador Manoel de Faria &
Souza.

SONETO.

DEbaixo desta pedra, sepultada
Iaz do Mundo a mais nobre Ferosura,
A quem a Morte, sô de enveja pura,
Sem Tempo sua vida tem roubada.
Sem ter respeito àquella assi estremada
Gentileza de luz, que a Noute escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipsada.
Do Sol peitada foste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia,
E da Lua. que ante ella luz não tinha.
Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como taõ asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

G L O S I A

I.



Estindo horrores, & trájando espãtos;
 De Lísia a Parca rouba a melhor gloria,
 Deixãdo aõs corações entre mil prãtos
 Alvos da mágoa, objectos da memoria:
 Mas oh! que a força amãte ordindo encãtos
 Eterna a faz, pois para mais victoria,
 Nos peitos vive, & mora eternizada
Debaixo desta pedra sepultada.

II. VI

Do Mundo, & Lísia a gloria se retira,
 Que esse Planeta de quem fente a falta,
 Sendo de Lísia Sol, ao Mundo admira,
 Sendo do Mundo luz, a Lísia exalta:
 Prostrados ambos veja a mesma pira
 Na saudade de luz, que os sobrefalta,
 Pois se o Sol jaz de Lísia sem ventura,
Iaz do Mundo a mais nobre fermosura.

Se a gloria para si tal luz desterra,
 Das mais vidas a morte a não derivã,
 Que se o Ceo nam quer ver astros na terra,
 A morte a não quiz ver no mundo viva:
 Mas, se quanto qualquer das tençoens erra,
 Queres Lisboa saber, ve a luz altiva,
 A quem a gloria só de amor procura,
A quem a morte só de inveja pura.

IV. II

Que a Parca, & o Tépo ostentem mil inful-
 Iusto parece em justos requisitos; (tos,
 Que o voráz Tépo ama da Morte os vultos,
 E a Morte atroz do Tépo ama os cõflitos:
 Mas se injusto he faltarem se nos cultos,
 Num lindo Sol já vemos seus delitos,
 Pois, neste arbitrio, Cloto de affectada,
Sem Tempõ sua vida tem roubada.

Agonizava a luz, que ao Sol afronta,
 De Maria, que aos seus de Luso augmenta,
 Quando Lisia sem luz só lhe desconta
 Mil lagrimas faudosa, que apresenta:
 Maria entre os desmayos se remonta;
 Lisia se enluta; a Parca o golpe intenta,
 Sem ter lastima desta assi enlutada,
Sem ter respeito àquella assi estremada.

VI

Junto da noute a Morte anticipada
 Não sei se andou, se a Noute emudecida;
 Que a Noute a julgou Sol do dia amada,
 E a Morte a julgou luz da propria vida:
 Contra ambas conspirou a inveja irada,
 Porém, nesta eleição da despedida,
 A Morte mais a conheceo por pura
Gentileza de luz, que a Noute escura.

VII.

Como timbre ideado da Belleza
 O nome seu lhe poz, que era o fermoso;
 Para copia do bello a Natureza
 Mendigou seu retrato decoroso:
 Luzes ao Sol prestava, à luz pureza,
 E diga o Sol ao peito duvidoso,
 Se esta alvura não foy, que a luz mais pura
 Tornava em claro dia, cuja alvura?

VIII.

Ficáraõ, Lísia, as luzes nos desmayos,
 Depois que a morte fez mil desvários,
 Mas taes, que inda aprendiaõ ser de raios
 Os mesmos raios, em seus mortos brios:
 No alento a vida inda provava ensayos,
 Frustrado effeito! pois nestes desvios,
 No Ceo do rosto a sombra, como irada,
 Do Sol a clara luz tinha eclipsada.

IX.

Vivia Pedro Sol na luz triumphante
 De Maria; ambos credito da gente:
 Mas tu, Cloto, de hum laço a gloria amante
 Fatal divides, cortas indecente:
 Quem te deu necia esse conselho errante,
 Com que apartaste a morte a reverente?
 De quem para eclipsar es a consorte
 Do Sol, peitada foste a cruel morte?

XV

Na laudade do corpo ao partir a alma,
 Era Amor maternal frecha opportuna;
 Via eclipsar se quem lhe dava a palma,
 Ays repetia a golpes da fortuna,
 Gravidades da pena, que o defalma,
 Aos já sangrados olhos não rephignã,
 Chamando a vida a quem forças pedia,
 Para o livrar de quem o escurecia.

XI.

Seu bello affeite inveja era dos rayos,
 Seu doce affecto pasmo dos incendios,
 Tributavalhe o Sol mil verdes Mayos,
 Dava a Lua os Abris para os dispendios:
 Ambos sempre assombravão mil desmayos,
 Mas, pois faltaráõ desta luz compendios,
 Raye essa luz do Sol já não mesquinha,
E da Lua. que ante ella luz não tinha.

XII.

Em seus olhos à gente Amor mimoso
 Armava o arco, & despedia o tiro,
 E, como era hum Cupido magestoso,
 A Venus não custava hum só suspiro:
 Se pois em tudo o Amor he victorioso,
 Como ó funebre Parca sem retiro
 Contendeste co Amor? eu não sey, Morte,
Como de tal poder tiveste sorte!

As settas já aborrece Amor sentido.

Negando ser da Parca o golpe ousado;

Que a tanto Sol não dá golpe atrevido

Tão curta mão, sojeito llimitado.

Mas oh ! com justas causas resentido

Duvida Amor, que a culpa do alto fado

Naõ a tiveste tu Morte mesquinha,

E se a tiveste, como tão a sinha?

Mas deixa a presumpção Cloto inconstante

Da pompa, que roubaste à Lusã gente,

Que essa alma, já nas glorias relevante,

Novo Imperio lhe foy fazer patente :

Luz humana, & divina teve amante,

A graõ Maria, & tu, Parca impaciente,

Tornaste a luz divina em claro dia,

Tornaste a luz do mundo em terra fria.

C A N Ç A M

I.

N Este, ó Mundo, da dor triste lamento,
 Que he de mágoa tam justa ardao tributo,
 Liçoens fesudas tome o desvario;
 Não materias de riso forme o luto,
 Que onde despreza as tellas o tormento,
 Jámais gallas vestir não pôde o brio:
 Oh, que fatal desvio
 Hoje a lembrança infunde na vaidade,
 Para que ache o desgosto,
 (Se bem me persuade)
 Quem já confuso lhe não vire o rosto;
 Parando, dos sepulcros nos amágos,
 Veja os tropheos cativos dos estrágos!

II.

Onde deixaste a pompa, ó Ferosura,
 Que a eternidades de Belleza aspiras?
 Seria nas estatuas da vanglória?
 Se o presumes, esconde o ver das piras,
 Que como tem de marmore a estrutura,
 Poderás verte, & achar frustrada a gloria;
 Mas oh triste memoria,
 Que forjando a Belleza mil enleyos
 De seus olhos na fragoa,
 Hoje tenha os receyos
 De pôr os olhos onde nasce a mágoa!
 Mas se haõ de retratála os jaspes lisos,
 Funebres foge de huma pira os visos.

III.

Bellezas, não queirais, de soberanas,
 Profanar os accasos da fortuna,
 Fazendo do caduco zombarias;
 Porçim se o affcite nam vos importuna,

Hoje espelho achareis, que acçoens humanas

Copiar sabe até das fantasias:

Jâmais em vossos dias,

Tanto à vista tereis os defenganos

Nos padroens, que essa pira

Erige a vossos dânos,

E no silencio sustos vos conspira,

Já que estais vendo, no que a pena traça,

Ser o felice assumpto da desgraça.

IV.

Que tens, ó Lusitania, que tormento

Te maltrata num golpe as fantasias

Da gloria, que alcançavas de anno em anno?

Que he das pompas Geniaes daquelles dias,

Quando com tantos Astros tanto augmento

Te calculavas não lembrada ao dâno?

Oh! que se não me engano,

Tudo em cinzas tornou triste a ventura,

para que em tal memoria,

Soubesse a sepultura

Darte a entender quem te augmentava a gloria:

Perde a esperança, pois, que em tal desterro,

Nesse, que ves sepulchro, tens o enterro.

V.

Nos Cenotafios funebres que sagras,

Nos Honorarios tristes que acumulas,

Vestindo os teus na cor das sandades;

Bem sey, que à Eternidade assim consagras

Memorias, que em soluços articulas;

Sem fingimentos tudo em fim verdadeas:

Mas se te persuades,

De que entre espinhas tambem nascem flores,

E que entre tanto luto

Acafo te melhores,

Gozando das delicias doce o fruto,

O Lísia não erra di assim te aprestes,
 Pois o que palmas foy, tudo he Cyprestes;

VI.

Perdeste o Sol, que os dias bons te dava,
 Lá da Real carroça em que assistia,
 Castigo permanente às sombras tuas;
 Arrasta pois esse eapuz do dia,
 E de huma treva entre os horrores brava,
 Contempla a falta só das luzes suas:
 Co pranto, que insinuas,
 O curso segue de teu Sol no Occaso,
 Para que em tanta pira
 Sepultandote o acafo,
 Ou vive nelle, ou com elle espira,
 E a desculpa serà para os terrenos,
 Que adonde o mais se perde, acabe o menos,

VII.

Se'entre horrores, Canção, trajas teu brio,
 Isso pede o teu pranto,
 Pois serà desvario
 Lembrar de gostos onde d'choro he tanto;
 Que em fim conceitos tão flores sem fruto,
 Onde ha só pranto, sentimento, & luto.

REDONDILHAS

Acabando em titulos de Comedias, & as mais em dous.

YA, Lísia, que el tiempo angosto
 Fue de tus dichas, y engrato,
 Mostrarte quiero un retrato
 Del Diciembre por Agosto.
 Mas si del llanto los nudos
 Me entorpecen voz, y lengua,
 No te dissuada esta mengua,
 Que Amor haze hablar los mudos.

Sigue pues tu adversa suerte,
 Y enseña al que es más sènto,
 Que sabe tu sentimiento
Amar despues de la muerte.

Llega pues a esta estructura
 De marmol, triste memoria,
 Y hallarà ya sin victoria
Las armas de la hermosura.

Veràs que el tyrano yugo
 De la muerte, es inhumano
 A un *Serafin humano*
 El más improprio verdugo.

Oculca en la sepultura
 Veràs a nuestro entender
 La más constante muger,
 La más hidalga hermosura.

Nesse del dolor disyelo,
 Que nuestras ancias resguarda,
 Veràs, Quando no se àguarda,
 Lo que son juizios del Cielo.

Veràs para tu pesar
 En cenizas, sin se oyr,
 Reinár despues de morir,
 Amor rendido de amar.

En esse cadaver hierto
 Veràs, si bien lo coadunas,
 Que fue para tus fortunas
 Del mejor amigo el muerto.

Fue de su amor la virtud
 Tal, que puede conseguir,
 Morir a un tiempo, y vivir
 La vida en el Ataud.

Mas si estàs Lisia sin dichas,
 De oy seràs siempre importuna.

En *Mudanças de fortuna,*
 El *rigor de las desdichas.*
Fue-se tu Reina al estotro
Reyno, de luzes echiso,
Que aunque te amava, quiso
Dexar un Reyno por otro.
Mas sepan, Lisia, tus modos,
Que aunque oy sin interes
Todo sucede al reves;
Dios haze justicia a todos.
Mas pague tu dependencia,
Con tener solo por dicha,
Querer la propria desdicha
El respeto, en el ausencia.
De oy sepa humano reposo;
Por más que cante su suerte,
Que en los labios de la muerte
Hasta al fin nadie es dichoso.
Y al fin Lisia dolorida
Diga tu llanto, y tu fé,
Puso,eme el Sol, que fue
Luna de la sacra vida.

LAVS DEO,

Virginique Matri tribuatur.